



III Seminário de Semiótica na USP
FFLCH-USP, 08 e 09 de outubro de 2009

Mesa 2 Textualização

FORMA DA CARTA E PROTOCOLOS DE LEITURA NA CORRESPONDÊNCIA DE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

Matheus Nogueira Schwartzmann (UNIP, GESCom, Grupo CASA)

Nas cartas, de um modo geral, a partir do momento em que uma determinada prática de escrita encontra uma prática postal, cria-se uma hierarquia que, se for minimamente constante, permite que cada um de seus elementos tenha um valor predeterminado. Isso nos leva a reconhecer a existência de uma sequência canônica a que os elementos textuais da carta estarão sempre subjacentes. Na correspondência de Mário de Sá-Carneiro vemos tanto o estabelecimento de uma rígida organização topológica quanto a criação de novas formas de organização do texto epistolar, pois o conjunto de leis e hierarquias que define os limites da prática epistolar apresenta-se, por vezes, distendido. Isto é, à prática epistolar são incorporadas outras práticas de escrita que instauram novas práticas de leitura, o que nos possibilita estabelecer dois grupos de cartas: as **típicas**, que são mais frequentes e que compreendem quase a totalidade da correspondência com Pessoa; e as **alteradas**, que embora sejam poucas (e indiquem a predileção de Sá-Carneiro pela forma típica) apontam para o domínio que o enunciador tem sobre a organização topológica da carta e do cartão-postal, já que mesmo dentro desses espaços de coerção, cria novas formas de organização do texto sem, no entanto, descaracterizá-lo enquanto gênero.

O TEXTO E SEU AUTOR

Luciana Salazar Salgado (FFLCH-USP)

Examinando materiais que são editorialmente preparados para circulação pública, é possível ver uma grande complexidade nas manobras efetuadas por profissionais da escrita e da leitura cujo estatuto é ainda pouco claro, sobretudo porque põe em xeque certas noções de autoria há muito assentadas. A partir de desenvolvimentos teóricos do quadro da Análise de Discurso de tradição francesa, podemos ver que tais manobras são balizadas por uma conjugação das coerções genéricas com certos usos da

língua e que, nessa conjugação, engendra-se um ethos discursivo que está sempre ligado às expectativas do público leitor. É momento autoral da produção, ainda que um outro, leitor, esteja autorizado a fazer intervenções estruturais.

QUESTÕES DE TEXTUALIZAÇÃO

Norma Discini (FFLCH-USP)

Acolhidas as noções hjelmslevianas de forma e substância para os planos da expressão e do conteúdo dos textos, estes que passam a ser considerados como enunciados, aos quais se pressupõe necessariamente a instância da enunciação, emerge a textualização dos textos verbais como um tópico a ser pensado pelo estudioso da semiótica, no que diz respeito ao exame a ser feito do encontro das virtualidades da língua com o ato enunciativo, que as põem em discurso. Sem abandonarmos a imanência discursiva, já que se contemplam escolhas feitas, não aleatória, mas sistematicamente, pelo sujeito, a textualização pode ser pensada num emparelhamento à noção de manifestação, na acepção que esta apresenta de união do significado com o significante (Greimas, 1976) ou como uma “postulação do plano da expressão no momento da produção do enunciado” (Greimas, 2008, p. 300). Escolhas feitas pelo sujeito em relação a recursos oferecidos pela língua, tais como a opção por esta e não aquela forma de voz passiva, se pensarmos em sintaxe da frase, ou a opção por este e não aquele morfema sufixal para uma derivação nominal, se pensarmos em morfologia, ou ainda escolhas feitas em relação à dominância de parataxe ou hipotaxe na organização do período composto remetem a uma retórica da língua, como sistema virtual de persuasão, em espera para ser colocado em discurso. Até que ponto, como e por que morfologia e sintaxe promovem a construção de estilos? Essa é a questão de base, que fará suscitar outras no pensamento que pretendemos desenvolver sobre a textualização, vista como uma das etapas da discursivização e como componente do estilo.